

Narrativas no Trabalho com História Oral

Luzia Aparecida de Souza⁴¹

RESUMO

Este texto busca articular ideias em torno da temática Narrativas e História da Educação Matemática, proposta aqui como Mesa Redonda, explicitando as potencialidades da narrativa no trabalho com história oral e como estas podem ser articuladas a uma postura historiográfica. A história oral é discutida enquanto metodologia de pesquisa mobilizada na História da Educação Matemática para a construção de narrativas enquanto fontes históricas. A potencialidade das narrativas para compreensão das singularidades de professores de Matemática é ressaltada, assim como sua relevância como meio de construção do narrador frente ao pesquisador. O texto busca, por fim, articular a postura historiográfica evidenciada ao exercício de busca pelas singularidades que caracterizam as narrativas, assinalando para a análise narrativa como um exercício analítico fundamental às pesquisas em Educação Matemática.

A pesquisa com história oral e a construção de fontes históricas

Segundo Miguel e Miorim (2002), a História da Educação Matemática é um campo de investigação constituído por todo estudo histórico que investiga:

[...] a atividade matemática na história, exclusivamente em suas manifestações em práticas pedagógicas de circulação e apropriação do conhecimento matemático e em práticas sociais de investigação em educação matemática do modo como concebemos esse campo em todas as dimensões dessa forma particular de manifestação da atividade matemática: os seus modos de constituição e transformação em qualquer época, contexto e práticas; a constituição de suas comunidades de adeptos e/ou de suas sociedades científicas; os métodos de produção e validação dos conhecimentos gerados por essa atividade [...]. (MIGUEL; MIORIM, 2002, p.187).

O trabalho desenvolvido pelo GHOEM- Grupo de História Oral e Educação Matemática por mais de uma década se inscreve nessa região de inquérito para investigar práticas de ensino, estruturas de materiais didáticos e, com um foco maior, processos de formação de professores de Matemática. Destaca-se o projeto de

⁴¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Campus de Campo Grande. luzia.souza@ufms.br

Mapeamento da Formação de Professores que investiga processos formativos em várias regiões do país.

No que se refere ao trabalho com história oral, esse grupo explicitava, já no início de sua formação, uma diversidade de concepções e abordagens. A história oral era vista ora como disciplina que tinha como foco de estudo o documento oral, ora como técnica que indicava procedimentos na realização de entrevista, ora como metodologia que articula procedimentos a uma fundamentação teórica que os sustenta. A própria ligação com a História, apontada como uma permanência nesses anos de trabalho, evidencia diferenciações que levam o pesquisador da postura de historiador ou historiador oral para aquela em que dialoga intencionalmente com o campo da historiografia. A Educação Matemática é vista como em diálogo constante com outras áreas, constituindo questões próprias ou modos próprios de encaminhar questões comuns (SOUZA, 2006), mas por que o diálogo com a História parecia ser apontado como uma necessidade no trabalho com história oral? A noção de que se impunha ao educador matemático o papel de historiador já havia sido abandonada e a ideia de que a história oral era oriunda da historiografia já havia sido desconstruída pelo contato com a socióloga Olga Von Simson ao retratá-la como método autobiográfico ao qual a historiografia havia apresentado anos de resistência. Desse processo, destaca-se uma terminologia, “história oral”, que não cumpre seu papel, pois não caracteriza um tipo de história, a oral; o afastamento da noção de filiação (um método não é da área A ou B, mas constitui-se de modo diferente ao articular-se com a fundamentação própria de cada área) e a conclusão de que um trabalho que se vale da história oral não precisa necessariamente desenvolver um exercício historiográfico, mas coloca-se a discutir historiografia por conta do foco dessa metodologia estar na construção intencional de fontes históricas a partir da oralidade.

Essa construção se dá por meio da gravação de entrevistas semi-estruturadas que, em um primeiro momento, se aproximam da intencionalidade das entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002) ao buscarem o indicativo de uma primeira questão geradora, ampla e que dispare um processo de narração por parte do depoente, de forma que este conte uma história sem interferência do pesquisador num primeiro momento. Há um distanciamento entre essas perspectivas quando consideramos que na entrevista semi-estruturada outras questões podem ser propostas ao longo da narração,

enquanto na entrevista narrativa intervenções só podem ser feitas ao final da narrativa disparada pela questão geradora e de modo que as questões do pesquisador sejam transformadas em questões imanentes ao discurso do entrevistado. As duas abordagens evidenciam interesse na construção de narrativas.

A história oral tem sido mobilizada a partir de uma ideia de construção: de fontes (considerando uma discussão em historiografia já presente em Marc Bloch, 2001, de que para haver História não era preciso existir documentos, mas questões), construção da própria ideia da oralidade como fonte (assumindo a subjetividade inerente a qualquer ação humana, inclusive a investigativa), construção do passado/presente/mundo (a partir das noções de significação e linguagem) e construção de si (que tem sido evidenciada tanto por posturas historiográficas quanto pelo trabalho com narrativas).

Nesse sentido, Albuquerque Junior (2011) chama a atenção para o homem em estado de palavra.

[...] o homem que se conta não é o mesmo homem que vive, mesmo quando narra sua própria vida. Quando faz memória ou autobiografia, o sujeito narrador não coincide com o sujeito narrado, o sujeito da narrativa não é o mesmo personagem contado. Porque o sujeito da narrativa é um sujeito em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias. Já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é feito de papel, é um sujeito em que corre tinta nas veias. O historiador que pretende estar falando do sujeito de carne e osso, falará na verdade do sujeito de papel e tinta que chega até ele mediante suas distintas formas de representação, embora estas formas de representação permitam a ele, pelo menos, garantir que o seu personagem realmente fez parte do passado. O historiador dará a ele uma nova vida, de tinta e papel, embora faça parte do pacto de leitura entre o leitor e o autor do texto historiográfico acreditar que ali se fala do sujeito de carne e osso que um dia viveu no passado. (p.254).

A discussão trazida por Albuquerque Junior (2011) evidencia que, por muito tempo para a História, a palavra foi tomada como via de acesso a fatos e, nessa direção, distintas versões eram discutidas na busca por evidenciar más leituras e interpretações incorretas. Somente na década de 1960 do século passado, o autor reconhece entre os historiadores a descoberta da palavra e do mundo existente em estado de palavra. Essa “descoberta” foi possível por conta de um movimento, historicamente considerado promissor, de aproximação entre diferentes áreas, de modo que novas questões sirvam à

constante e necessária problematização de um campo. Assim, em aproximação com a ideia de ficção, a história é tomada como um exercício de invenção, como a criação de um passado a partir de questões, interesses e óculos do presente.

Essas discussões potencializam um outro movimento, paralelo, de desconstrução do discurso documental, entendendo-o como fruto de uma ideologia, de uma intenção de dizer (irrecuperável) de quem/para quem o produziu em um tempo específico. Uma entrevista, por exemplo, revela não somente a opinião de quem fala, mas de quem interrogou a partir das questões selecionadas, do entendimento das respostas e do registro que quer dar ênfases a trechos de interesse do interrogador. Nesse sentido, um documento diz mais do que se propôs no momento de sua criação.

A narrativa e suas potencialidades na/para História da Educação Matemática

A proximidade entre historiografia e narrativa se mostra no contexto acima esboçado. Segundo Bolívar (2012),

O sujeito narrado é diferente do sujeito narrador precisamente porque o sujeito narrador re-significa o nomeado desde o momento da escrita. O sujeito narrado é um efeito do texto mesmo, mas por outro lado o sujeito narrador se constrói somente na narração, não é anterior a ela. (p.12).

Narrar uma/sua vida não é apenas um ato de comunicação, mas de construção. Uma construção que se faz frente a alguém que, enquanto aquele para quem se fala, participa do relato.

Considerando os procedimentos implementados na metodologia história oral, percebe-se o cuidado e estudo para estruturação de um roteiro, mapeamento de possíveis interlocutores, gravação (em áudio ou vídeo), transcrição ou de gravação, textualização, negociação de uma versão desta última e carta de cessão de direitos para uso da entrevista por parte daquele e de outros pesquisadores. A textualização é um processo em que o pesquisador se lança sobre o depoimento (já no suporte de papel) de um modo menos técnico do que aquele pelo qual implementa a transcrição. Ao contrário desta, não há aparelhos que textualizem, pois essa é uma ação humana de produção de significados. Este procedimento, de modo específico, possibilita um exercício de

construção de uma narrativa escrita que pode ser ordenada cronológica ou tematicamente e que se constitui como um exercício de leitura plausível, uma interpretação que busca compreender o dito e evidenciá-lo em uma estrutura narrativa que pode ou não ser legitimada pelo entrevistado. Esse processo de legitimação aproxima as leituras do entrevistado e do pesquisador de modo que a narrativa “final” evidencie um esforço conjunto.

Nesse sentido, a narrativa se coloca como potencial meio de produção de conhecimentos não somente para a pesquisa que se organiza em torno dela, mas também para o próprio narrador que, na experiência do relato, constrói-se a partir da articulação de outras experiências (irrecuperáveis) que ocorreram em espaços e tempos muito diferentes. Essas experiências podem ser articuladas na unidade da narrativa, produzindo significados. Nesse contexto, não se trata de vivência, mas de experiência no sentido dado por Larrosa (2007) de que esta é [...] aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa” (p.132).

Para Bolívar (2002),

a narrativa não só expressa importantes dimensões da experiência vivida, mas, mais radicalmente, media a própria experiência em si e configura a construção social da realidade. Além disso, uma abordagem narrativa prioriza a natureza dialógica, relacional e comunitária, onde a subjetividade é uma construção social, intersubjetivamente moldada pelo discurso comunicativo. O jogo de subjetividades, em um processo dialógico, se converte em um modo privilegiado de construir conhecimento (p. 43).

Essa narrativa traz marcas da individualidade que cada um quer imprimir a seu relato, afirmando a relevância de um olhar acerca das singularidades dos sujeitos narrados. No caso do trabalho desenvolvido com história oral para narrar histórias de formação de professores de Matemática, esse olhar é fundamental para caracterizar um professor e não uma categoria, dificultando o desenvolvimento de perspectivas generalizantes.

O trabalho com narrativas traz uma discussão fundamental às pesquisas: não importa somente o que é dito, mas como é dito. No contexto da pesquisa, esse como pode ser evidenciado através da forma do trabalho e esse exercício tem sido pensado em

várias pesquisas em história oral. Um primeiro movimento pode ser percebido quanto às possibilidades analíticas, trazendo a análise narrativa para a História da Educação Matemática como uma delas.

Para explicitar as potencialidades desse exercício analítico, Bolívar (2002) estabelece um comparativo entre o modo paradigmático e o narrativo de se analisar narrativas. Ao primeiro são vinculados pensamento e estrutura por categorias, buscando evidenciar tendências em uma leitura horizontal das narrativas a serem analisadas. À análise narrativa é atribuída um outro foco de estudo: as singularidades, que são articuladas em uma trama narrativa construída pelo investigador, trata-se de uma leitura vertical das narrativas.

A tarefa do investigador, neste tipo de análise, é configurar os elementos dos dados em uma história que unifica e dá significado aos dados, com o fim de expressar de modo autêntico a vida individual, sem manipular a voz dos participantes (BOLÍVAR, 2002, p. 13).

O objetivo principal deste tipo de análise é evidenciar o caráter único de um relato individual, proporcionando uma compreensão de sua complexidade e particularidade.

Esse tipo de análise traz para a pesquisa o exercício de uma nova estrutura textual, colocando o pesquisador a contar uma história a partir de uma questão de pesquisa e de seu posicionamento teórico que articule as singularidades dos narradores com a trama histórica mais ampla que a pesquisa permite compreender.

Dois exemplos a serem considerados são os trabalhos de Fernando Guedes Cury (2011) e Luzia Aparecida de Souza (2011). A narrativa sobre a formação dos professores de Matemática no Tocantins apresentada em Cury (2011) é uma criação, uma interpretação, tecida a partir de narrativas e de outros documentos questionados durante a investigação. Sua análise narrativa é uma ressignificação de histórias ouvidas, lidas, observadas e vividas durante a pesquisa que busca fugir da relação causa-consequência, trazendo tanto elementos julgados significativos pelo pesquisador, quanto a trajetória que o levou a essa percepção.

Em Souza (2011), são exercitados diversos estilos textuais para a composição de uma tese no estilo *multipaper*. A análise narrativa exercitada nesse trabalho não foca, entretanto, a temática da tese (qual seja, compreender o ensino de matemática no contexto do Grupo Escolar Eliazar Braga), mas o próprio processo investigativo que

permitiu sua efetivação. Considerando que o interesse nas narrativas passa, também, pelo movimento de constituição de si ao narrar-se frente ao outro, o exercício proposto em Souza (2011) é de compreensão do processo de pesquisa, seus caminhos e desvios e do como essa mobilidade, sua percepção e narração permitem que o pesquisador se constitua como tal enquanto se narra em investigação à comunidade da Educação Matemática.

As ações e subversões possíveis de serem mapeadas nesse exercício analítico são, certamente, potencialidades de um movimento que não busca pela generalização, mas reconhece e respeita as diversas marcas de individualidade do pesquisador, do professor, daquele que se constitui na narração frente a um outro. São potencialidades da mobilização de narrativas na História da Educação Matemática.

Considerações

O posicionamento de que os indivíduos dão sentido a si mesmos e ao que fazem por meio de narrativas aponta para uma via de mão dupla que questiona a pertinência de chamar de “coleta” o processo de produção/mobilização de documentos em uma pesquisa. Por mais que possa ser essa a intencionalidade de um pesquisador, os dados não são produzidos somente para uma investigação, eles afetam diretamente a comunidade estabelecida como interlocutora e essa afecção deve ser cuidada e, dependendo da questão de pesquisa proposta, analisada.

No caso da textualização, a negociação entre os significados do entrevistado e do entrevistador ocorre de forma a tornar a produção deste último aceita como uma leitura possível do que o primeiro diria. Essa negociação gira em torno de um cuidado ético com o entrevistado, no sentido de que este reconheça a narrativa construída pelo pesquisador (que já é um primeiro exercício de análise) como uma leitura plausível de seus dizeres e, de forma alguma, como uma tentativa (assumidamente impossível) de reprodução do que este realmente disse.

A narrativa e a análise narrativa se apresentam, desse modo, como ressonantes com o trabalho em história oral, trazendo contribuições significativas às temáticas e processos de pesquisa em História da Educação Matemática.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. Em Estado de Palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura. In: FLORES, M. B. R.; PIAZZA, M. de F. F. (Orgs). *História e arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011. p. 249-261.

BLOCH, M. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOLÍVAR, A. B. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*. v.4, n. 1. p. 41-62, 2002.

BOLÍVAR, A. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de La investigación (auto)biográfica. In: ABRAHAO, M. H. (Org). *Pesquisa (auto)biográfica: lugares, trajetos e desafios*. V Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (V CIPA). Porto Alegre: PUCRS, v.1, 2012.

CURY, F. G. *Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins*. Tese (Doutorado em Educação Matemática). 290 f. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 90-113.

LARROSA, J. Leitura, experiência e formação – uma entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, M. V. (org.); VEIGA-NETO, A.; LARROSA, J.; GRUN, M.; FISCHER, R. M. B.; SILVEIRA, R. M. H.; CORAZZA, S. M. *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. – 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 130-156.

MIGUEL, A. e MIORIM, M. A. História da Matemática: uma prática social de investigação em construção. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.36, 2002. p.177-203.

SOUZA, L. A. de. Trilhas na construção de versões históricas sobre um Grupo Escolar. 2011. 420 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

SOUZA, L. A. *História oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões*. 2006. 314 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.